



3. CONCEITO LITERALIDADE

A questão da “literalidade” é central e controversa sobretudo em Deleuze, filósofo do conceito. Isto porque os seus conceitos mais significativos, como “rizoma”, “árvore”, “desterritorialização”, “devir”, “linha de fuga”, que têm aspecto de metáforas, não o são. E Deleuze sempre retorna, como um “ritornelo”, à consideração de que seus conceitos não são metáforas (ZOURABICHVILI, 2005, p. 4).

Embora ele não tenha se ocupado propriamente desta questão da “literalidade”, segundo François Zourabichvili, ela vai se manifestar em seu fazer filosófico, constituindo uma vida de acesso privilegiada ao autor (IDEM, pp. 2-3). Para Deleuze, a “literalidade” introduz em uma enunciação relações desconcertantes, para além dos clichês, que abrem novos horizontes para a inteligibilidade.

A sua “literalidade” não significa tomar as palavras em sentido próprio, de referente usual como sentido ‘dado’, mas em um universo relacional a ser construído (Ibidem, pp. 4-5). A “literalidade” faz da enunciação um “complexo”, no sentido etimológico de ‘algo que se tece junto’. O verbo “ser” que liga um sujeito a um predicado em um enunciado, para Deleuze é a conjunção “e”, numa perspectiva de horizontalidade, já que não há sentido prévio nos termos, mas relações significantes, ou seja, os termos adquirem sentido na relação, de tal forma, que se constrói uma dualidade atual-virtual, compreendida como primitiva e irreduzível (Ibidem, pp. 9-10). A esse “desdobramento”, que permite que o significado esteja numa relação necessária entre um termo dado e outro não dado, Deleuze chamou de “literalidade”, diferente da metáfora, considerada “redobramento”, cuja dualidade subordina o pensamento à ordem da “mimesis

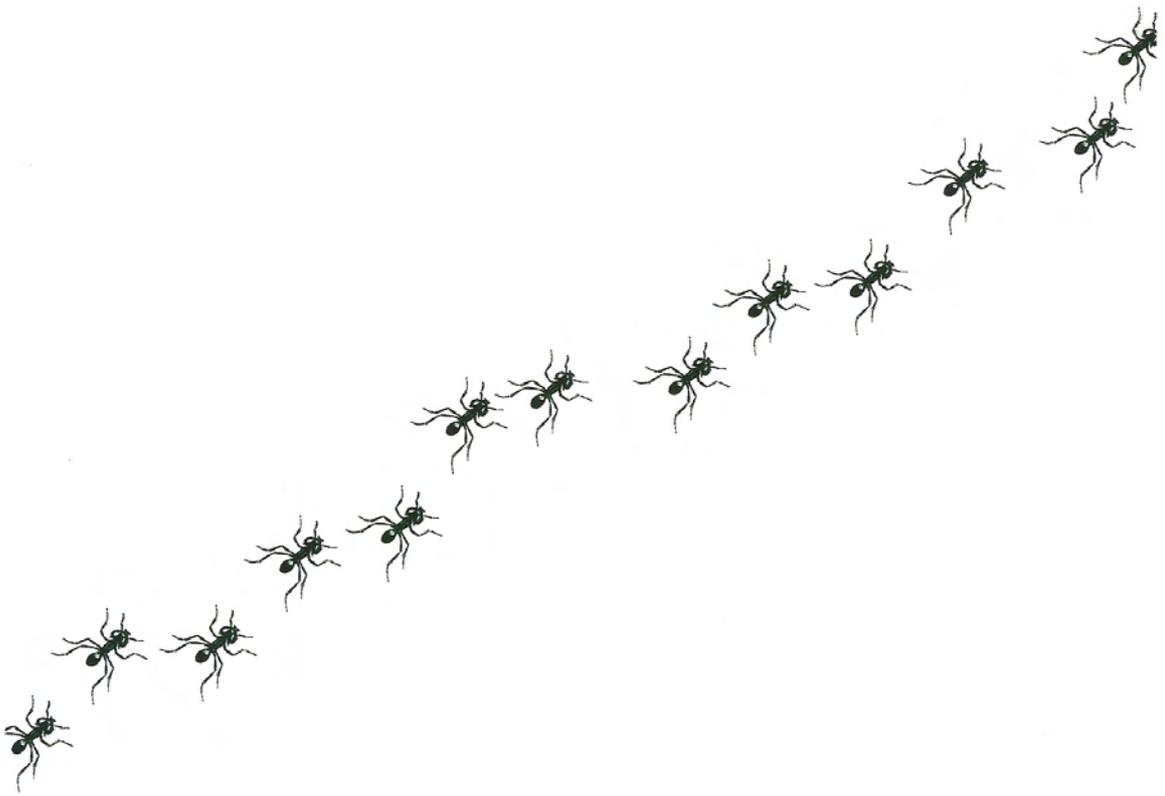
Deleuze não é contra a metáfora, mas não se contenta com ela (Ibidem, p. 4). Ele problematiza a metáfora através da dualidade do seu conceito, pois não vê possibilidade na utilização de um conceito “dentro” e “fora” de domínios próprios, gerando sentidos próprios e figurados, separados e aparentados (segundo Aristóteles), onde uma coisa significa outra (Ibidem, pp. 5-6). Para Deleuze não há significados

prévios e todos são, de certa forma, “contaminados” (Ibidem, p. 6). A relação emoldura significados “literais”.

Vejamos um exemplo. Na enunciação deleuziana “*o cérebro é uma erva*”, os termos “cérebro” e “erva” não estão sendo utilizados em um “redobrimento” metafórico (Ibidem, p. 9), “dentro” e “fora” de domínios próprios. A relação entre os dois termos é de tal forma “literal” e atual, que o enunciado adquire sentido único e inaugura um modo de compreender o “cérebro”, distinto de todos os outros. Nesse enunciado acima, o “cérebro” não é entendido de forma prévia. Da mesma forma, o cérebro não é entendido como uma “erva”, visto não poder ser classificado como um vegetal. O termo “erva” também não é um termo “figurado”. O “cérebro-erva” inaugura uma compreensão muito diferente do “cérebro-árvore”, embora *o cérebro sozinho, como objeto indeterminado, não é nem árvore nem erva (...)* (Ibidem, p. 7). François Zourabichvili irá dizer: *é duvidoso que eu tenha uma idéia de cérebro ‘antes’ desse tipo de encontro estranho* (Ibidem, p. 7)..

Deleuze nos convida a “crer” nessa “literalidade” (Ibidem, p. 2), não como adesão ou ato de fé, mas nos convida a “fazer” o que ele faz. O que é próprio de sua filosofia não é o objeto, mas a prática (imanência) (Ibidem, p. 11). Por isso, sua filosofia da imanência é a prática da linguagem como escrita “literal” (Ibidem, p. 4).

Para Deleuze, *não existe sentido ou experiência a não ser na base de uma ‘relação’, que é “devir”*. A experiência, ainda que ‘cambiante’, é desde sempre “cristalina”, no sentido de escapar ao clichê, ao termo próprio e prévio, ao sem significação. A “literalidade” é a possibilidade de resgate dessa “cristalinidade”, que supõe a construção e a condução de enunciados a relações desconcertantes, à exterioridade de domínios, à não interpretação (que afirma sentidos ‘escondidos’), enfim, a novas sendas de inteligibilidade (Ibidem, pp. 7-10).



3.1. LITERALIDADE EM CORA CORALINA: A EXPERIÊNCIA DOS BECOS DE GOIÁS COMO “RIZOMAS” DE UMA CIDADE

Beco da minha terra...
 Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
 Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
 Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
 E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
 e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
 calçando de ouro a sandália velha,
 jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
 descendo de quintais escusos
 sem pressa,
 e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
 Amo a avenca delicada que renasce
 na frincha de teus muros empenados,
 e a plantinha desvalida, de caule mole
 que se defende, viceja e floresce
 no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha
 que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
 secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
 Arrochados na sua carga, sabidos, procurando sombra,
 No range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
 Sem infância, sem idade.
 Franzino, maltrapilho,
 pequeno para ser homem,
 forte para ser criança.

Amo e canto com ternura
 Todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,
 Discriminados e humildes,
 Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
 Beco do Cotovelo .
 Beco do Antônio Gomes.
 Beco das Taquaras.
 Beco do Seminário.
 Bequinho da Escola.
 Beco do Ouro Fino.
 Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.
 Beco do Mingu.
 Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
 Dos becos da minha terra,
 Suspeitos... mal afamados
 Onde família de conceito não passava.
 "Lugar de gentinha" – diziam, virando a cara.
 De gente do pote d'água.
 De gente de pé no chão.
 Becos de mulher perdida.
 Becos de mulheres da vida.
 Renegadas, confinadas
 Na sombra triste do beco.
 Quarto de porta e janela.
 Prostituta anemiada,
 Solitária, hética, engalicada,
 Tossindo, escarrando sangue
 Na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
 Becos de assombração...
 Altas horas, 'mortas horas'...
 Capitão-mor – alma penada,
 terror dos soldados, castigado nas armas.
 Capitão-mor, alma penada,
 num cavalo ferrado,
 chispando fogo,
 descendo e subindo o beco,
 comandando o quadrado – feixe de varas...
 Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
 perdidas,
 começavam em boas casas, depois,
 baixavam para o beco.
 Queriam alegria. Faziam bailaricos.
 - Baile Sifilítico – era ele assim chamado.
 O delegado chefe de Polícia – brabeza –
 dava em cima...
 Mandavam sem dó, na peia.
 No dia seguinte, coitadas,
 cabeça raspada a navalha,
 obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
 na frente da cadeia.

Becos da minha terra...
 Becos de assombração.
 Românticos, pecaminosos...
 Têm poesia e têm drama.
 O drama da mulher da vida, antiga,
 humilhada, malsinada.

Meretriz venérea,
 desprezada, mesentérica, exangue.
 Cabeça raspada a navalha,
 castigada a palmatória,
 capinando o largo,
 chorando. Golfando sangue. (...) (CORALINA, 1993, 103-106)

São muitos os becos-devires. Os becos da Cidade de Goiás constituem uma imagem muito forte, presente e determinante na literatura de Cora Coralina. Não apenas porque fazem parte da paisagem urbanística daquela Cidade e porque sejam inúmeros - todos nomeados -, mas porque, para a escritora, parecem constituir um lugar de inspiração, lugar privilegiado, a partir de onde é possível se inventar um povo, renegado e fazer a experiência do *intermezzo*, que não designa uma correlação localizável, mas uma direção perpendicular, onde as coisas adquirem velocidade.

Ao postular que os becos de Goiás equivalem a rizomas, estamos buscando ser deleuzianos, no sentido de sua literalidade. As imagens literárias, tecidas em forma da conjunção “e”, são experiências de encontros despontadas na dinâmica dos becos, que são pobres e revestidos de ouro, dramáticos e poéticos, pecaminosos e românticos, abandonados e atraentes, enlaxarados e generosos, sombrios e iluminados, mal-assombrados e acolhedores, úmidos e calorosos, tristes e alegres, feios e floridos. Os becos de Goiás não parecem ser determinantes em função da ligação-passagem entre duas extremidades localizáveis e reconhecidas, mas por estarem libertos do eixo entre dois lugares que são polaridades, por poderem constituir-se apenas meio, *intermezzo*: o que acontece neles não pode ser presumido. E é exatamente ali que acontece a vida. Os becos são lugares de agenciamentos, são o fora, são pura desterritorialização e reterritorialização em relação ao território da Cidade, modelo de um tempo, a ser reproduzido. Os becos são pontos de fuga que sugerem disrupturas. Os becos são, também, lugares conjuntivos e rizomáticos, de fluxo e intensidade, que desestruturam o esquema arborescente daquela sociedade, com sua lógica genealógica, monumental, arqueológica.

Por isso, embora os becos fossem considerados *suspeitos... mal afamados, onde família de conceito não passava, lugar de gatinha*, também são o lugar daqueles

que *queriam alegria, da mulher-dama, das mulheres da vida, que começavam em boas casas, depois, baixavam para o beco*. Lugar de contradição. Lugar de vida.

Assim, diz a autora: *Becos da minha terra... Válvulas coronárias da minha velha cidade* (CORALINA, 1999, P. 111). Aqui também parece haver a literalidade, que não é metáfora. Os Becos não são como ‘válvulas coronárias’, e nem estas aparecem no texto em um sentido figurado. Não há experiência prévia dos becos. Os ‘becos - válvulas coronárias’ só podem ser entendidos no horizonte dessa relação-devir, experiência esta cristalina, no sentido de escapar a qualquer clichê: os becos são mecanismos vitais de Goiás, lugares de nomadismo, que provocam desterritorializações e reterritorializações, pontos de fuga em relação à elite hegemônica daquela sociedade.

Entre os becos, há um, por demais, especial, talvez por sua insignificância potente: O Beco da Escola (CORALINA, 1999, P. 117). *Um corricho de passagem, um dos muitos vasos comunicantes onde circula a vida humilde da cidade*. É um bequinho pequeno, uma *transição*, um *lapso urbanístico*, um *bequinho de brinquedo*, *miudinho*, com *uma braça de largura, mal medida*. *Cinqüenta metros de comprido... avaliado*, um bequinho que *brinca de esconder*. Este bequinho acolhe a Escola, “casulo” que possibilita “metamorfoses”, sobretudo através da escrita futura.

Os becos autorizam e possibilitam o trânsito de muitas coisas, como lugar-velocidade: burros-de-lenha malzelados e cansados entre galinhas mortas, sempre encontradas, *ontem, hoje, amanhã, no século que vem, no milênio que vai chegar...*; lenheiros, que não são homens e nem crianças; mulheres, que são desejadas em uma noite e castigadas e desprezadas à luz do sol; gente de pé no chão, que caminha entre sandálias e sapatos velhos e carcomidos que demoram muito tempo para se deteriorar sobre os monturos de lixo; escuridão, lodo negro, ar sombrio e luz dourada no ângulo do meio-dia; avencas delicadas que despontam das frinchas dos muros sem regra, sem prumo e sem aprumo; gente de pote d’água entre fumaça ardida exalada dos monturos pobres de lixo; casinhas tristes de degraus, portões vestidos de velhice...

Através dos becos, os textos de Cora também concretizam a possibilidade de se fazer Literatura com as lembranças, desde que delas se desenterre um povo renegado,

ainda por vir, ou se escreva ‘em intenção’ de um povo, sem ter a pretensão de ocupar o seu lugar. “Inventa-se um povo” sob todos os ângulos, dimensões, perspectivas. Tira-se o véu dos preconceitos, das negações, dos aprisionamentos. Possibilita-se um irromper no seio de outras relações, conexões, agenciamentos.

Talvez, por serem *lugar de gentinha*, malditos, *onde família de conceito não passava*, possibilitem a invenção desse povo, enterrado em suas traições e reneгаções. A vida pode acontecer como expressão de uma multiplicidade, com uma força capaz de gerar velocidade. A velocidade que só se adquire no meio.

Daí serem os ‘becos-válvulas coronárias’, lugar da resistência vegetal, onde, em sua velhice, *o tempo pode planta avencas*, que sempre renascem, porque são *bravias e renitentes*; onde abundam *ervinhas anônimas, rasteirinhas, sem valia e vigorosas*; lugar da resistência social, onde as *gentinhas* podem transitar, viver e se alegrar; lugar da generosidade, onde se deposita tudo o que não se quer e onde até os *monturos de lixo* são generosos às crianças pobres. Lugar privilegiado, *pinelado de ouro*, pela luz diária do Sol.

A experiência dos becos é potencialmente literária, já que a escrita é devir. Nos becos há uma explosão de devires, todos minoritários. A escrita de Cora é expressão de nomadismo nesses becos. Pela escrita, a autora faz a experiência do devir, como encontrar zonas de vizinhança, de indiscernibilidade e de indiferenciação entre pessoas e coisas que despontam nesses becos. Assim, experimenta-se um devir avenca, lodo, monturo de lixo, portão abandonado, fumaça ardida, galinha morta, mulher-meretriz, lenheiro, burro malzelado. Mas cada uma dessas realidades se debruça e se constitui na marginalidade minoritária da outra. As *delicadas avencas* são *bravias e renitentes* ao *renascerem na frincha dos muros empenados* sob condições do *tempo*, já que é este *que planta avencas sobre a velhice dos muros*. As avencas vingam graças ao *ar sombrio dos becos, à sua velha umidade andrajosa, ao seu lodo negro, esverdeado, escorregadio*. Por sua vez, tal umidade vinga graças à *prantina silenciosa do fio de água*, que desce de *quintais escusos, sem pressa...* E assim, em platôs que se ampliam

e se complexificam cada vez mais por um fora, a vida acontece nesses *intermezzos* rizomáticos.

A experiência dos ‘becos-válvulas coronárias’ sugere uma inspiração literária rizomática. A escrita da autora é *a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia, e semeia polmes dourados* no lixo pobres desses becos... A escrita de Cora emancipa os becos. A escrita da autora é *a avenca delicada, bravia e renitente*, que desponta nas *frinchas dos muros sem aprumo* desses becos... E a experiência-devir da autora com esses becos revela torna-os ‘lugares’ de potência, de encontros e conexões, de agenciamentos imprevisíveis: ouro-potência, prenunciado ao meio-dia; vida-potência, enunciada nas madrugadas.



4. CONCEITO - LINHAS DE FUGA, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Numa concepção cartográfica, o conceito de *desterritorialização*, neologismo surgido no Anti-Édipo, deve ser referido a três outros: território, terra e reterritorialização (ZOURABICHVILI, 2004, p. 45).

O sentido de território, embora inspirado, deve ser compreendido de forma mais ampla do que a etologia e etnologia, já que envolve um componente geográfico, mas sobretudo existencial, do ‘ter um chão’ e ‘encontrar um lugar’; tem a ver com o “campo familiar” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 46): *marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos*. A delimitação de um território é sinônimo de apropriação, de momento subjetivante. Um território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraído dos meios, mas que a partir desse momento adquirem o valor de propriedade.

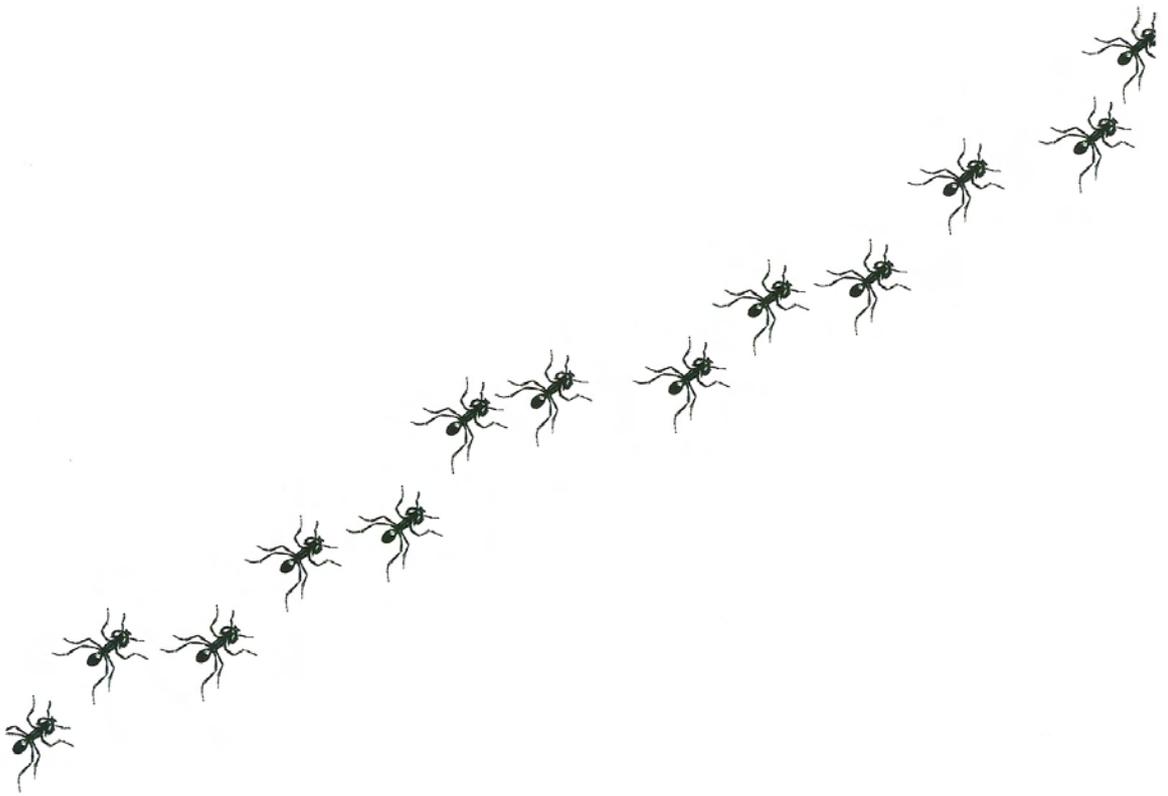
Toda multiplicidade, em seus platôs, é atravessada por vetores, os territórios, e também por graus de desterritorialização (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 37). Tais vetores de *desorganização ou de ‘desterritorialização’ são precisamente designados como ‘linhas de fuga’* (ZOURABICHVILI, 2004, p. 59). Uma multiplicidade se define pelos agenciamentos com um fora. O território cria um agenciamento; define-se por um fora.

Desterritorializar-se significa abrir-se, implicar-se em linhas de fuga ou destruir-se. Segundo Zourabichvili, uma *linha de fuga não significa fugir para fora de, mas de fazer fugir* (ZOURABICHVILI, 2004, p. 61). As linhas de fuga fazem parte de uma realidade rizoma, mas é através delas que um rizoma se rompe e se amplia, de acordo com o número de conexões, mudando de natureza (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 18). Entretanto, toda linha de fuga aponta para o risco de uma reestratificação do conjunto, no sentido de que ela carrega os padrões do próprio rizoma. Nesse sentido, os autores postulam que *o bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 18).

Há dois tipos de desterritorializações. Uma *relativa*, que implica na mudança de um território, mas na reterritorialização; e outra, *absoluta*, que implica em estar permanentemente numa linha abstrata ou de fuga (ZOURABICHVILI, 2004, p. 45).

Em Mil Platôs, a questão da reterritorialização aparece como correspondente a qualquer desterritorialização, no sentido de que, mesmo quando *absoluta*, dá-se em terra não delimitada e não em território propriamente dito: numa perspectiva nômade, há uma reterritorialização sobre uma permanente desterritorialização e nomadismo (ZOURABICHVILI, 2004, p. 46).

A compreensão de tais conceitos precisa ser redimensionada permanentemente, já que se trata aqui de uma lógica rizomática, cujos princípios são uma cartografia e nomadologia, que se contrapõe à estrutura e à história.



4.1. LINHAS DE FUGA, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO EM CORA CORALINA

Cora Coralina foi uma mulher extraordinária, do século retrasado, que estudou muito pouco, trabalhou muito e que, aos 75 anos de idade, publicou o seu primeiro livro, publicação esta que a consagrou como uma das escritoras mais queridas: poetisa, contista e cronista de tempos passados e presentes, além de jornalista e redatora crítica de acontecimentos (TAHAN, 2002, p. 2).

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. Esse é o seu registro original. Mas, determinada em sobrepular as margens de um tempo em que a escrita não era coisa para mulheres, e para se distinguir das tantas Anas de sua terra, desponta, aos 15 anos, como Cora Coralina, ‘coração vermelho’. Ana se desterritorializa. Em Cora, Ana se reterritorializa. Por sua vez, Cora, através da escrita, alcançará muitos *devires* que lhe permitirão, pela vida afora, desterritorializar-se e reterritorializar-se, em um nomadismo constante. Isto se dá por agenciamentos com paisagens internas e externas muito marcantes: o Rio Vermelho, que flui debaixo de suas janelas e que ancora a Casa Velha da Ponte, onde passou sua infância e juventude; a Bica localizada no porão de sua casa; os Becos de sua Cidade. Tais paisagens evocam fluxo, movimento, velocidade do meio, ‘intermezzos’, vida. Cora Coralina testemunha que sua poesia “cresceu entre pedras” (CORALINA, 1994, p. 13).

O Rio Vermelho é testemunhado em muitos de seus escritos:

I

Tenho um rio que fala em murmúrios.
Tenho um rio poluído.
Tenho um rio debaixo das janelas
da Casa Velha da Ponte.
Meu Rio Vermelho.

II

Águas da minha sede...
Meus longos anos de ausência
identificados no retorno:
Rio Vermelho – Aninha.
Meus sapos cantantes...

Eróticos, chamando, apelando,
 cobrindo suas gias.
 Seus girinos – pretinhos, pequeninos,
 inquietos no tempo do amor,
 sinfonia, coral, cantoria.
 Meu Rio Vermelho.

III

Debaixo das janelas tenho um rio
 correndo desde quando?...
 Lavando pedras, levando areias.
 Aninha nascia, crescia, sonhava.

IV

Água – pedra.
 Eternidades irmanadas.
 Tumulto – torrente.
 Estática – silenciosa.
 o paciente deslizar,
 o chorinho a lacrimejar
 sútil, dúctil
 na pedra, na terra.
 Duas perenidades –
 sobreviventes no tempo.
 Lado a lado –
 conviventes,
 diferentes, juntas, separadas.
 Coniventes.
 Meu Rio Vermelho.

V

Meu Rio Vermelho é longínqua
 manhã de agosto.
 Rio de uma infância mal-amada.
 Meus barquinhos de papel
 onde navegavam meus sonhos;
 sonhos navegantes de um barco:
 pescadora, sonhadora
 do peixe-homem.

VI

Um dia caiu na rede
 meu peixe-homem...
 todo de escamas luzidias,
 todo feito de espinhos e espinhas.

VII

Rio Vermelho, líquido amniótico
 onde cresceu da minha poesia, o feto,
 feita de pedras e cascalhos.
 Água lustral
 que batizou de novo
 meus cabelos brancos (CORALINA, 1994, PP. 44-46).

Neste texto Cora mostra um Rio que, atravessando a Cidade, marca a passagem do tempo – *Rio da contagem das eras*, ou mesmo, *já bebi água do rio na concha da minha mão* (CORALINA, 1994, p. 91). E este Rio não apenas traz um ‘mundo’ que atravessa o seu – o *peixe-homem* -, mas é também o seu ‘mundo’ – *líquido amniótico de suas poesias*. Em seu próprio nome – Coralina – está engendrado o nome Rio Vermelho. Mas o Rio Vermelho é ponto de fuga. Cora se desterritorializa no Rio Vermelho. O Rio Vermelho também se reterritorializa em Cora Coralina. Nesse encontro, ambos não são mais os mesmos.

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba pra cá.
E isto chega para mim.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...
Rio que se afunda debaixo das pontes.
Que se reparte nas pedras.
Que se alarga nos remansos.
Esteira de lambaris.
Peixe cascudo nas locas.

Rio, vidraça do céu.
Das nuvens e das estrelas.
Tira retrato da Lua.
Da Lua quarto-crescente
que mora detrás do morro.
Lua que veste a cidade de branco
e tece rendado de marafunda
na sombra das cajazeiras.

Rio de águas velhas.
Roladas das enxurradas.
Crescidas das grandes chuvas.
Chovendo nas cabeceiras.
Rio do princípio do mundo.
Rio da contagem das eras.

Rio – mestre de Química.

Na retorta das corredeiras,
 corrige canos, esgotos, bueiros,
 das casas, das ruas, dos becos
 da minha terra.

Rio, santo milagroso.
 Padroeiro que guarda e zela
 a saúde de minha gente,
 da minha antiga cidade largada.
 Rio de lavadeiras lavando roupa.
 De meninos lavando o corpo.
 De potes se enchendo d'água.
 E quem já ficou doente da água do rio?
 Quem já teve ferida braba, febre malina
 pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...
 Cumprindo sua dura sina.
 Raspando sua lazeira
 nos cacos dos seus monturos.
 Rio, Jó que se alimpa,
 pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
 nas cheias de suas enchentes
 que carregam seus monturos.

Ponte da Lapa da minha infância...
 Da escola da mestra Silvina,
 do tempo em que eu era Aninha...

Ponte do Carmo, querida,
 dos namorados de longe.
 Por onde passava enterro,
 dos anjinhos de Goiás,
 que iam pro cemitério,
 pintadinhos de carmim.
 Caixãozinho descoberto.
 E a música tocando atrás
 A Valsa da Despedida.

Ponte nova do Mercado
 - foi pinguela do Antônio Manuel,
 banheiro da meninada.
 Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
 Carioca de nós todos.
 Pinguelona dos destemidos,
 contando a estória de um sino.

Sino grande, imprensado,
 nas locas da cachoeira.
 Sino da Igreja da Lapa,
 que rodou na grande enchente
 tocando pro rio abaixo.
 Até que parou imprensado

nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto
conta estória do sino:
Inda toca à meia-noite
quando a cidade se aquieta,
e as águas ficam dormindo.

Tange, pedindo uma graça:
Que algum cristão caridoso,
o salve daquele poço,
o tire debaixo d'água.
Pois seu destino de sino
é no alto de uma torre
abençoando a cidade.
Dando aviso para o povo
- louvar a Deus poderoso.

Poço da Mandobeira...
Poço do Bispo...
Poço da Carioca...
Sombras de velhos banhistas de velhos tempos.
Sabão do Reino no bolso.
Toalha passada ao ombro.
Cigarro de palha no bico.
A vitamina do banho.
Banho da Carioca.
Águas vitaminadas...
Rio Vermelho – meu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
há cem anos...
Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
- 'Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim...' (CORALINA, 1993, pp. 91-94)

Neste outro texto sobre o Rio Vermelho, Cora explicita essa relação de intimidade, que não é exclusivista. Há múltiplas desterritorializações e reterritorializações entre o Rio Vermelho e toda a realidade circundante. Em alguns textos, Cora fala de como o Rio Vermelho reage, raivoso, nas enchentes catastróficas que provoca de tempos em vez. Mais especificamente, fala da relação do Rio com a Casa Velha da Ponte:

(...) Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia (...) (CORALINA, 1993, p. 11).

Estas relações são descritas por imagens muito românticas e belas, juntamente com outras, de despedida, dor e morte. Mas há lugar legítimo para todas: expressão da vida-multiplicidade!

Como dissemos, também a Biquinha do porão de sua casa constitui como um ponto de fuga importante. Sobre ela, Cora diz:

Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és refrigerio, copo de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens de sua própria vida. (CORALINA, 1993, p. 11).

A Bica é *coração imortal que vive e pulsa dentro do corpo patinado pelo tempo, da Casa, marcado das escaras da velhice*, que aparecem sem que se possa precisar o seu surgimento. Não somente Cora, com sua escrita, testemunha em favor da vida, lembrando Deleuze. A própria vitalidade da biquinha é testemunha vigilante. É uma Bica anciã e menina, que sempre corre, vitalizando a Casa, *barco centenário encalhado no Rio Vermelho* (CORALINA, 1993, p. 11). A Bica-movimento contrasta com a Casa-estática. Pela Bica e pelo Rio, escapa-se ao território da Casa. Ambos possibilitam agenciamentos com um fora.

E ainda os Becos... pontos de fuga... territórios desterritorializantes... Os Becos de Goiás Velho são rizomas, no sentido de múltiplas entradas e saídas, muitas possibilidades, rupturas a-significantes. O Beco não é um lugar, mas, como a Autora diz, *lapso urbanístico, corricho, de passagem, vaso comunicante, uma transição* (CORALINA, 1993, p. 118). Entre os Becos de Goiás, Cora se também se desterritorializa e se reterritorializa.

Cora expressa essa realidade da desterritorialização por trás da palavra extravasar. Ela extravasa um tanto de realidades, a começar pelas convenções de um tempo. E irá extravasar a Casa Velha da Ponte, cujo ponto de fuga parece ter sido seus anseios. Seus anseios são o conteúdo de seus devires:

(...) Meus anseios extravasaram
a velha casa.
Arrombaram portas e janelas,
e eu me fiz ao largo da vida.
Andei por mundos ignotos
e cavalguei o corcel branco do sonho. (...) (CORALINA, 1993, p. 11).

Em outro texto, fala da contraposição entre os seus sonhos e os limites que lhe eram impostos:

Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.

Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
E fui caminhando... caminhando... (...) (CORALINA, 1995, p. 84).

Cora sai mundo afora, por 45 anos, passando por muitas cidades e trabalhos diferentes, num processo de desterritorialização permanente, de se reterritorializar num constante nomadismo, interno e externo, que marcará toda a sua vida e a sua escrita.

Mas há sobretudo quatro reterritorializações marcantes que a escrita de Cora Coralina evidencia: a transformação de Ana em Cora Coralina, possibilitando-lhe um lugar novo sócio-cultural, legitimador de um lugar literário; o propósito de um nomadismo e busca de territórios a serem construídos (condição de um nomadismo que se reterritorializa continuamente sobre desterritorialização); o retorno à Goiás e à Casa Velha da Ponte, de onde assume nunca ter saído, embora tenha dado muitas voltas ao

mundo; e a experiência de sua morte e sepultamento, idealizados em versos e concretamente: Cora comprou sua sepultura e escreveu nela o seu epitáfio – devir-reterritorialização -, ainda em vida.

Cora descreve o tortuoso caminho de volta... depois de 45 anos, para Goiás e para a Casa Velha da Ponte:

A estrada está deserta. Vou caminhando sozinha. Ninguém me espera no caminho. Ninguém acende a luz. A velha candeia de azeite de há muito se apagou. Tudo deserto. A longa caminhada. A longa noite escura. Ninguém me estende a mão. E as mãos atiram pedras. Sozinha... Errada a estrada. No frio, no abandono. Tateio em volta e procuro a luz. Meus olhos estão fechados. Meus olhos estão cegos. Vêm do passado. Num bramido de dor. Num espasmo de agonia ouço um vagido de criança. É meu filho que acaba de nascer. Sozinha... Na estrada deserta, sempre a procurar o perdido tempo que ficou para trás. Do perdido tempo. Do passado tempo escuto a voz das pedras: Volta... Volta... Volta... E os morros abriam para mim imensos braços vegetais. E os sinos das igrejas que ouvia na distância diziam: Vem... Vem... Vem... E as rolinhas fogo-pagou das velhas cumeeiras: Porque não voltou... Porque não voltou... E a água do rio que corria chamava... chamava... Vestida de cabelos brancos voltei sozinha à velha casa, deserta. (CORALINA, 1994, pp. 84-85).

Em outros textos, ela fala desse retorno:

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente (...) (CORALINA, 1995, p. 127).

E ainda:

(...) Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais. Voltei às origens da minha vida, escrevi o “Cântico da Volta”. Assim devia ser. Fiz um nome bonito de doceira, glória maior. E nas pedras rudes do meu berço gravei poemas. (CORALINA, 1995, pp. 84-85).

No poema em que fala do Rio Vermelho, Cora ainda evidencia a importância dessa reterritorialização, que equivale a um batismo:

(...) Rio Vermelho, líquido amniótico onde cresceu da minha poesia, o feto, feita de pedras e cascalhos.

Água lustral que batizou de novo meus cabelos brancos (CORALINA, 1994, p. 46).

O processo de retorno, de Cora, não se dá de forma tranqüila. Outras tantas desterritorializações. É neste contexto que Cora escreve suas “meias confissões”. Ela fala de suas dificuldades. Mas ainda assim, Cora parece fazer-se testemunha a favor da vida. E fala daquilo que a engasga e que é comum a muitos:

Este livro, meias confissões de Aninha,
é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.
Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.
Conseqüente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.
Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam
e precisavam sair.
É um livro das conseqüências.
De conseqüências.
De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também
se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos
de uma dura caminhada.
Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.
(Parodiando M. Bandeira) (CORALINA, 1995, p. 43).

E nesse retorno parece haver uma decisão. Apesar da extrema pobreza, da solidão, do processo de resgate da Casa Velha da Ponte, do despencar da Casa, da falta de recursos e até das muletas, da dificuldade em publicar seus livros, Cora reterritorializa-se na “*velha mais bonita de Goiás*”. A “*Aninha feia da Lapa*”, finalmente, descobre-se emancipada.

Sua morte inaugura a plena reterritorialização. Em seu epitáfio, encontram-se as suas palavras:

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo

num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de meus versos (CORALINA, 1995, p. 95).

Aspirando o “ser árvore”, ainda aqui Cora sugere uma lógica mais rizomática que arborescente, no sentido de buscar agenciar-se como parte de uma natureza muito mais ampla que sua identidade pessoal. Mas ainda assim ela permanece nômade: *Quando eu morrer, não morrerei de tudo. Estarei sempre nas páginas deste livro (...)* (CORALINA, 1995, p. 68). Hoje, o contato com a sua escrita promove muitas desterritorializações. E cada leitura e releitura de Cora, como disseram Deleuze e Guattari, “fazem subir à superfície novos planos” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 27), promovendo novas reterritorializações de sua escrita.

A presente dissertação ensaia algumas relações-devir, buscando desterritorializar e reterritorializar realidades. Mas que ela possa ser apenas mais um ponto de fuga para uma infinidade de territórios a serem construídos.



5. A LITERATURA EM GILLES DELEUZE, FÉLIX GUATTARI E CORA CORALINA: POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO

Deleuze e Guattari inauguram ideias bastante inéditas e provocadoras acerca da Atividade Literária. E são conseqüentes em relação à escrita: o processo de produção da obra *Mil Platôs* revela já uma postura diferente em relação ao processo de autoria. Tal obra foi produzida em forma de platôs, a quatro mãos. Eles comentam o processo:

Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures. Tivemos experiências alucinatórias, vimos linhas, como fileiras de formiguinhas, abandonar um platô para ir a um outro. Fizemos círculos de convergência.(...) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 33).

O que chamamos de inédito nestes autores têm a ver, sobretudo, com a cartografia de uma autoria, com a cartografia do processo de produção da escrita e com a sua finalidade.

Uma das ideias que tais autores desconstroem é a de que um livro seja um todo orgânico, pleno de significados, expressão de uma subjetividade (atribuível a um indivíduo), referente a um objeto, cópia e imagem do mundo (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 13). Dirão Deleuze e Guattari que “(...) *as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito*” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8). Ao contrário, o ato de escrever é sempre um agenciamento com um fora, é saída de território, é devir, é um ponto de fuga que permite uma desterritorialização: “*Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir*” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 13).

“*Um livro existe apenas pelo fora e no fora*” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12). Como agenciamento, está em conexão com outros agenciamentos. Em um rizoma,

as realidades perdem o estatuto de totalidades. As realidades valem por seus percursos e fluxos, pelas suas relações (devires), pela sua literalidade e imanência, pelos seus graus de desterritorialização, pela intensidade que adquirem, e que nunca ocorrem de forma prévia, linear e de acordo como modelos preestabelecidos. Segundo Deleuze e Guattari,

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua (...) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12).

Em outra passagem, dizem os autores: *“Mas a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar”* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12).

Por ser um agenciamento, um livro é sempre inatribuível, dizem Deleuze e Guattari (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12). Aqui se encontra outra ideia importante. Dizendo de outra maneira, toda autoria é múltipla. Um autor, apenas agenciador, é sempre “muitos”: Para os autores, as subjetivações são *“processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades”* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8).

Um livro não pertence a quem o escreve, até porque dentro de um livro existem vários autores, inúmeros agenciamentos, conexões infinitas de platôs, grande parte das vezes ‘convertidos’ - a ferro e fogo, e a longos anos de prática ‘ortopédica’ -, para uma lógica arborescente, genealógica. E um livro também não é de quem o lê, mas é de todos os que o lêem e o relêem, singularidades múltiplas. Como dizem Deleuze e Guattari, um livro se define por um “fora”. É um “agenciamento” de conexões imprevisíveis:

Com o passar dos anos os livros envelhecem, ou, ao contrário, recebem uma segunda juventude. Ora eles engordam e incham, ora modificam seus traços, acentuam suas arestas, fazem subir à superfície novos planos. Não cabe aos autores determinar um tal destino objetivo. Mas cabe a eles refletir sobre o lugar que tal livro ocupou, com o tempo, na conjuntura de seu projeto (destino subjetivo), ao passo que ele ocupava todo o projeto no momento em que foi escrito (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 7).

Aqui já podemos buscar e evidenciar muitos paralelos entre Deleuze, Guattari e Cora Coralina.

Cora, em um de seus livros, manifesta o seu desejo em relação ao destino de seu livro:

Este livro (...)

Que o saiba sempre em brochura, ao alcance de crianças, jovens e adultos, que mãos operárias repassem estas páginas e sintam-se presentes, juntos à mulher operária que as elaborou.

Que possa ultrapassar as cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram.

Que entre em casas de mulheres marcadas de luz vermelha e leve a elas esta Mensagem do Evangelho:

Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes entrarão na vossa frente no reino de Deus.

Possa ser lido nas prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana.

Tenha ele sempre uma apresentação simples e sugestiva e, por muito tempo, possa viver fora das encadernações de luxo entre lombadas hieráticas e dourados bonitos.

Possa valer pelo seu conteúdo, sempre encontrado em bancas populares em balcões de livrarias - seu preço ao alcance de um leitor modesto.

Com o tempo, lido, relido e trelido, rabiscado, amassado, arrancadas suas folhas, seja, num dia de faxina geral, num auto de arrumação e limpeza, lançado numa fogueira e calcinado no holocausto das chamas.

Vai, meu pequeno livro. Que possa sobreviver à autora e ter a glória de ser lido por gerações que não de vir de gerações que não de nascer (CORALINA, 1993, 2004, p. 37).

Mas, tal texto sugere que a preocupação autêntica de Cora é a democratização e a garantia de acesso popular à sua escrita, por não ser uma escrita apenas expressão de um universo particular e pessoal, mas uma escrita que fala da vida, que diz respeito a muitos, a começar por todos os minoritários. Daí a importância de ser um livro simples e acessível.

Quando imagina, inclusive, que seu livro possa ser rabiscado, amassado, arrancado as suas folhas e calcinado, Cora não apenas evidencia a relativização de qualquer escrita, que é sempre possibilidade, mas supõe a co-autoria como processo permanente, para além do momento da inspiração 'inicial' de uma subjetividade (que já é 'meio' em relação a tantas inspirações). Cada vez que se lê, relê, rabisca, interage,

dá-se continuidade ao processo de co-criação. Por trás dessa concepção, mais socializadora e relativista, percebemos, em Cora, a consciência sobre o que vem a ser um processo de autoria.

Em dois textos, de extrema riqueza, Cora manifesta o quanto, de fato, o ato de escrever é um agenciamento e, como tal, inatribuível. No primeiro, denota que escrever é, de fato, agenciar algo e agenciar com um 'fora':

Alguns perguntam pela minha vida, pelo embrião primário, de como veio e se encontrou comigo a minha poesia, a presença primeira do meu primeiro verso; eu respondo: Ela cascadeia há milênios. Minha Poesia... Já era viva e eu, sequer nascida. Veio escorrendo num veio longínquo de cascalho. De pedra foi o meu berço. De pedras têm sido meus caminhos. Meus versos: pedras quebradas no rolar e bater de tantas pedras (CORALINA, 1995, pp. 93-94).

Entre as pedras, de seu berço e de seus caminhos, há um fluxo-cascata que corre. Cora consegue percebê-la. Em outro texto, Cora também reconhece que sua escrita é uma atividade coletiva que não lhe pertence. Sua atividade literária é instrumento que interfere na realidade e que mobiliza e pertence a futuras gerações. Há um destino maior que o meramente pessoal:

(...) Minha pena é a enxada do plantador,
é o arado que vai sulcando
para a colheita das gerações (CORALINA, 1995, pp. 93-94).

Sua escrita, enquanto agenciamento, nasce em um contexto muito adverso: um tempo em que escrita não era atividade destinada a mulheres, e numa família que não valorizava essa atividade. Cora descreve tal contexto:

(...) Sendo eu mais doméstica do que intelectual, não escrevo jamais de forma consciente e raciocinada, e sim impelida por um impulso incontrolável. Sendo assim, tenho a consciência de ser autêntica.
Nasci para escrever, mas, o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros, contramarcaram minha vida.
Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana.
Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha

tendência inata. (...) Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado. Preconceitos de classe. Preconceitos de cor e de família. Preconceitos econômicos. Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu. Foi assim que cheguei a este livro, sem referências a mencionar. Nenhum primeiro prêmio. Nenhum segundo lugar. Nem Menção Honrosa. Nenhuma Láurea. Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade (...).

Quem sentirá a Vida destas páginas... Gerações que não de vir de gerações que vão nascer (CORALINA, 1995, pp. 73-76).

Nesse contexto, Cora também tem consciência do quanto o seu processo de aprendizagem se deu em meio a muitas limitações:

(...) Minha escola primária, fostes meu ponto de partida, dei voltas ao mundo. Criei meus mundos... Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra. Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais e livros, está sempre presente minha escola primária.

Eu era menina do banco das mais atrasadas.

Minha escola primária... eu era um casulo feio, informe, inexpressivo. E ela me refez, me desencantou. Abriu pela paciência e didática da velha mestra, cinquentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso (...).

(...) Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas. E volta a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava (CORALINA, 1995, pp. 123-124).

Ainda que postulemos a superação de uma visão historiográfica e genealógica determinantes, Cora evidencia, pois, um lugar sócio-afetivo de agenciamento, que é rizoma, importante no percurso de seus devires, de suas desterritorializações e reterritorializações, no percurso de sua própria inspiração e estilo literário. Um olhar e uma inspiração para um minoritário parece ser uma opção, nascida numa experiência de exclusão, de rejeição, de preconceito e de dificuldades. Sobre isso, diz Walter Kohan

(...) o que libera o devir é um certo modo de ocupar o espaço e sair do lugar, de fugir do controle, a capacidade de resistência, de encontrar uma linha de fuga, de se des-territorializar e se re-territorializar (KOHAN, 2004, p.7).

Tal observação é de grande importância e apontam, em Cora, duas evidências que perpassam sua vida e atividade literária: ao descrever o lugar de agenciamento e produção da sua escrita evidenciará um relação-devir, incontrolável, que supõe uma

disruptura com tantos territórios que lhe foram dados. Por outro lado, tal reconhecimento também se manifestará em um profundo respeito pela língua e pela escrita de cada um, em seus contextos rizomáticos, sobretudo pelos que vivem nos interiores e que trabalham com a terra.

O imaginário de Cora é bastante agrário. O seu devir-terra expressa-se de forma intensa, gerando textos belíssimos, de grande literaridade, que expressam a sua relação com a escrita. São as passagens que mais falam sobre sua atividade literária:

Sinto que sou a abelha no seu artesanato. Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais. (...) Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando, é o arado milenário que sulca. Meu versos têm relance de enxada, gume de foice e peso de machado. Cheiro de currais e gosto de terra. (...) (CORALINA, 1995, pp. 108-110).

Daí seu profundo respeito e admiração pelos povos que trabalham e se debruçam continuamente sobre a terra e que agenciam a vida, ainda que não através da escrita, mas através de outras produções.

Diante desse universo agrário, a escrita de Cora se metamorfoseia no “Pac... Pac...Pac...”, da enxada que canta (CORALINA, 1993, p. 169); no “mэээ dos bezerros” (CORALINA, 1993, p. 132); no grito selvagem “... uirerê!... uirerê!... uirerê!” (CORALINA, 1993, p. 132); na fala de Seu Vicente: “De que val’isso?” (CORALINA, 1995, p. 19); na resposta do toque da corneta, do corneteiro e do toque de silêncio ao sininho da cadeia: “cá é bem bão... cá é bem bão... cá é bem bão” (CORALINA, 1995, p. 186); nas rolinhas ‘fogo-pagou’ que, no retorno de Cora, cantavam “porque não voltou... porque não voltou...”, e nos sinos das igrejas que diziam “Vem... Vem... Vem...” e na água do rio que corria “chamava... chamava...”. (CORALINA, 1995, p. 85).

Em um de seus escritos, nunca monotemáticos, mas sempre diversificados (seus textos são rizomas), há uma passagem em que Cora fala da dificuldade que significa ser simples e escrever, e do carinho que tem pela linguagem alheia:

(...) Detesto os que escrevem mal e publicam livros.
A linguagem escrita, simples e correta, deve dar a impressão
de alguém que sabe escrever.

A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.
 A minha maior angústia foi superar a minha ignorância.
 Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.
 Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
 É o meu apoio e uma legitimação do que sou realmente.

A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra
 e chão molhado e lenha partida.
 Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.
 Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,
 fácil e floreada, encenada nos arcaísmos do idioma.
 Tive uma empregada que só dizia “meicado”.
 Outra que teimou sempre em me dizer “Dona Coria”.
 Não criei obstáculos nem propus conserto. No fim,
 quando me dirigia à primeira eu dizia: vai ao “meicado”,
 com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,
 como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.
 Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados (CORALINA, 1995, p. 69).

Uma outra idéia inédita e provocadora de Deleuze e Guattari, sobre a atividade literária, já expressa no prefácio, é que escrever implica em um ato de saúde. A escrita é um exercício de saúde. Não se escreve com patologias e nem com neuroses. As patologias são, ao contrário, interrupção ao processo e ao fluxo da escrita. A patologia é estagnação do processo criativo. A escrita é “empreendimento de saúde”,

(...) que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. (...) (DELEUZE, 2004, p. 14).

Escreve-se porque se viu, se encontrou e se descobriu algo grande demais. Não algo referente apenas à própria vida, à própria história pessoal e familiar, mas referente à vida de uma coletividade. E porque não se consegue voltar ileso, pensa-se, cria-se personagens, precisa-se testemunhar em favor. Por conta disso, escreve-se. E ao se escrever, recria-se, reinventa-se um mundo, uma coletividade, um povo, uma nação... renegados em suas tradições (DELEUZE, L' Abécédairé de Gilles Deleuze. L – Littérature, 1997).

A escrita de Cora é emblemática. Cora resgata Goiás. Cora reinventa um povo. Reinventa um lugar, cujo percurso são os Becos de sua Cidade. Cora, ao trazer a sua

infância, a sua escola, as suas necessidades e desejos, fala de uma coletividade sem voz e sem expressão. Conta a história de um mundo minoritário, paralelo, maldito, desprezível, esquecido. E faz isso com poesia.

E é nesse processo de se abrir-se a um fora, de agenciar-se com a vida, de se desterritorializar continuamente é que encontramos uma possibilidade, a partir do inédito e provocador desencadeado pelos autores, que diz respeito ao ato de escrever como possibilidade de emancipação.

Deleuze e Guattari postulam um conceito denominado *agenciamento coletivo de enunciação*:

Não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia, somente agenciamentos. O que existe são os agenciamentos maquínicos de desejo assim como os agenciamentos coletivos de enunciação. Sem significância e sem subjetivação: escrever a n (toda enunciação individuada permanece prisioneira das significações dominantes, todo desejo significante remete a sujeitos dominados) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 34)..

Os agenciamentos, como crescimento de dimensões numa multiplicidade (que, de acordo com conexões, muda a sua natureza), de natureza horizontal, referem-se, pois, a dois segmentos: ao *maquínico*, de conteúdo e afetações, e ao *coletivo de enunciação*, que tem a ver com a expressão dos enunciados. Zourabichvili observa, entretanto, que estaremos diante de um agenciamento *todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondentes* (ZOURABICHVILI , 2004, p. 20).

Mas os agenciamentos, para Deleuze e Guattari, são, juntamente com o acontecimento, anteriores e provocadores da subjetividade. Walter Kohan ressalta que, na ontologia deleuziana, *a subjetividade é derivada, posterior, efeito, de algo a-subjetivo* (KOHAN, 2004, p. 9). Nessa perspectiva, agenciamentos e acontecimentos permitem um modo de subjetivação. As subjetivações são *processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8). E a dimensão subjetivante de um agenciamento constitui um território (ZOURABICHVILI , 2004, p. 47).

Ainda que o indivíduo se constitua através dos agenciamentos, toda enunciação individuada, como disseram Deleuze e Guattari, acima citado, *permanece prisioneira das significações dominantes*. Não há sujeitos preexistentes a enunciados. Portanto, os dois segmentos de agenciamentos são coletivos. Zourabichvili irá ressaltar sua evidência coletiva:

Não nos iludiremos, portanto, quanto ao caráter coletivo do ‘agenciamento de enunciação’ que corresponde a um ‘agenciamento maquínico’: ele não é produzido ‘por’, mas ‘por’ natureza é para uma coletividade (ZOURABICHVILI, 2004. p. 22).

Deleuze e Guattari entendem, por ‘hecceidades’, modos de individuação sem sujeito.

Ao postularmos a temática da emancipação, não queremos nos opor a essa visão coletiva dos enunciados e dos aprisionamentos dominantes em cujo cruzamento nos inserimos. E nem mesmo queremos questionar o fato de que uma escrita seja sempre *inatribuível*. Entendemos que, ainda que uma autoria seja de natureza coletiva, vislumbramos traços possíveis – exatamente por isso! -, de que ela seja emancipadora. Não nos referimos à emancipação em uma perspectiva clássica, de fortalecimento de uma individualidade, de um ego e um sujeito, que se afirmam em contraposição a outros sujeitos e/ou objetos. Essa perspectiva, a clássica, foi-nos dada a conhecer como modelo histórico, reforçada no último século pela Psicologia. Segundo a física e filósofa Danah Zohar,

o cerne conceitual da visão de Freud é que o mundo consiste em seres e objetos, cada qual estranho ao outro em virtude de uma diferenciação essencial. (...) Toda a psicologia freudiana é uma psicologia do individual e suas ‘relações com o objeto’ (ZOHAR, 1990, p. 190).

Na perspectiva de Deleuze e Guattari, uma emancipação não pode ser um fim, nem um estado a ser adquirido, nem um lugar de estabilidade. Uma emancipação se evidencia nos devires e nos agenciamentos e se expressa em cada *desterritorialização*

e *reterritorialização* que a escrita parece possibilitar. A emancipação parece se dar à medida que nos permitimos, como rizomas e mapas, estarmos atentos às múltiplas entradas... estarmos atentos à importância de nos descentrarmos de uma lógica arborescente... Parece se dar... à medida que experimentamos a escrita como devir, que nos remete à zonas de vizinhança a-centradas e a-significantes... Parece se dar... à medida que nos transformamos em linhas de fuga... e mais do que preocupados em nos encontrarmos, tenhamos a coragem de abandonar o território, continuamente, fugindo e fazendo-nos fugir... Parece se dar... à medida que assumimos o nomadismo agenciador que busca velocidades que são adquiridas no meio... Parece se dar... à medida que assumimos uma potência nômade que nos possibilita *reterritorializarmos* num movimento permanente de *desterritorialização* ... Parece se dar... à medida que tenhamos a coragem de nos tornar órfãos e críticos de um Édipo, rompendo com o 'General', com o Uno, com o Pai, com a genealogia...

À medida que tudo isso vai se dando, através da escrita, parece acontecer um processo de emancipação. Emancipação como saída de si e não chegada. Emancipação-reterritorialização, que supõe desterritorialização. Emancipação do "modelo" que temos de nós mesmos. Emancipação do "*espelho psicológico para o qual olhamos quando queremos saber quem somos e como devemos nos comportar*" (ZOHAR, 1990, p. 190). Emancipação como superação da árvore. "*Estamos cansados da árvore*" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 37), podemos repetir com os autores.

Cora parece ter empreendido esse movimento. Cada vez que voltou à infância, não dobrou-se sobre si mesma e sua história, mas desterritorializou-se na infância do mundo. E reinventou esse mundo. E resgatou o desejo, já que ele se move e se produz por rizoma.¹³ Desse lugar, experimentou potência e não sedentarismo. Cora suplantou a árvore. Fez-se rizoma, multiplicidade. E por isso renasceu como a "velha mais bonita de Goiás".

Em sua poesia A Flor, Cora confessa o desafio que é fazer-se rizoma em um parto, aparentemente solitário. Enquanto diante de uma matriz fecundada, em plástico

13 IDEM, *Ibidem*, p. 23.

preto, apanhada num monte de entulho de lixeira, Cora “parteja” aquele bulbo e rizoma, como possibilidades, Seu Vicente o classifica, já o desclassificando, por ser algo meramente comum. E todos os outros, indiferentes e alheios:

“(...) Cebola brava” na botânica sábia de Seu Vicente.
 Oitenta e alguns avos de enxada e terra.
 Sabedoria agra.
 Afilhado do Padim Cícero.
 Menosprezo pelas “fiores”:
 “De que val’isso?”
 Displicente, exato, irredutível.

E eu, meu Deus, extasiada, vendo, sentindo e acompanhando,
 fremente, aquela inesperada gestação.
 _ Um bulbo, tubérculo, célula de vida rejeitada,
 levada na hora certa à maternidade terra. (...)

Chamei a tantos...
 Indiferentes, alheios,
 ninguém sentiu comigo
 o mistério daquela liturgia floral.
 Encerrada na custódia do botão,
 ela se enfeita para os esponsais do sol.
 Ela se penteia, se veste nupcial
 para o esplendor de sua efêmera vida vegetal.

E foi assim que eu vi a flor (CORALINA, 1994, pp. 19-22)

Alcançar devires minoritários, entender a fala e a vida de um monte de lixo, transitar nos Becos de Goiás, escrever sobre mulheres – caboclas, operárias, lavradores, lavadeiras, meretrizes -, sobre urubus e rolinhas fogo-pagou, e sobre crianças... custou-lhe um preço:

Tudo o que criei e defendi
 nunca deu certo.
 Nem foi aceito.
 E eu perguntava a mim mesma
 Por quê?

Quando menina,
 ouvia dizer sem entender
 quando coisa boa ou ruim
 acontecia a alguém:
 Fulano nasceu antes do tempo.
 Guardei.

Tudo que criei, imaginei e defendi
 nunca foi feito.
 E eu dizia como ouvia
 A moda de consolo:
 Nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
 Você nasceria sempre
 antes do seu tempo.
 Não entendi e disse Amém (CORALINA, 1995, p. 57).

A sensação de “nascer antes do tempo” não deixa de ser, muitas vezes, sentimento de solidão, de inadequação, de exclusão. Em duas passagens, Cora escreve como, na circularidade dos platôs da vida, entre *desterritorializações* e *reterritorializações*, a passagem das vidas na temporalidade faz impingir marcas, evidenciando-nos multiplicidades:

(...) Daí, no fim da vida, esta cinza que me cobre... Este desejo obscuro, amargo, anárquico de me esconder, mudar o ser, não ser, sumir, desaparecer, e reaparecer, numa anônima criatura sem compromisso de classe, de família. (...) E nunca realizei nada na vida. Sempre a inferioridade me tolheu. E foi assim, sem luta, que me acomodei na mediocridade do meu destino (CORALINA, 1993, pp. 176-177).

(...) Talvez, por tudo isso e muito mais,
 sinto dentro de mim, no fundo dos meus reservatórios secretos,
 um vago desejo de analfabetismo.
 Sobrevivi, me recompondo aos bocados,
 À dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado (CORALINA, 1995,
 pp. 73-76).

Como expressão de multiplicidade, Cora permanece nômade, errante, incansável, testemunhando em favor da vida. Assim, aconselha às futuras gerações. Para aqueles que desejam se tornar escritores, dá alguns conselhos. E ainda ressalta, aqui, um outro devir minoritário: a palavra pobre e o seu direito de figurar no verso:

Poeta, poetisa teu caminho.
 Pega, segura com os dedos
 da velha musa
 o que resta de poesia

na transição da hora que passa.

Cuida bem da inspiração
que se despede por inútil.
Cuidado com o adjetivo:
traíçoeiro, corriqueiro,
se insinua libidinoso,
nu, esfarrapado, sem pudor.

Olha a rima indigente, forçada,
forçando tropeçante.
O verso desvalido, maltrapilho.
A palavra truncada.
O palavrão da moda. O jargão.
A frase feita.
O advérbio desgastado
pedindo esquecimento e
posterior recuperação.

Atenção, muita atenção!
Sem ser chamada - a palavra vulgar,
esmolambada, sabereta
vem, e vem para ficar.

A palavra pobre...
(Coitadinha da palavra pobre!)
Também tem o seu direito
de figurar no verso.

Tudo isso, mais um
conteúdo miúdo que seja
e serás Poeta (CORALINA, 1994, pp. 97-98).

Em outro texto evidencia que por trás da palavra, inspirada e pronunciada,
precisa haver vida, experiência, rizomas:

(...) Alguns vêm a mim.
Querem a palavra, o incentivo, a apreciação.
Que dizer a um jovem ansioso na sede precoce de lançar um livro...
Tão pobre ainda a sua bagagem cultural,
tão restrito o seu vocabulário,
enxugando lágrimas que não chorou,
dores que não sentiu,
sofrimentos imaginários que não experimentou.

Falam exaltados de fome e saudades, tão desgastadas
de tantos já passados.
Primário nos rudimentos de sua escrita
e aquela pressa moça de subir.
Alcançar estatura de poeta, publicar um livro,

Oriento para a leitura, reescrever,
 processar seus dados concretos.
 Não fechar o caminho, não negar possibilidades.
 É a linguagem deles, seus sonhos.
 A escola não os ajudou, inculcados, eles.(...) (CORALINA, 1995, pp. 191-192).

Para os desanimados, também tem uma palavra de conselho, extraída do meio de seus rizomas. Neste conselho, Cora evidencia que poemas não se fazem só com a escrita. É possível fazer da vida um poema. Para isso, é preciso recriá-la sempre e sempre:

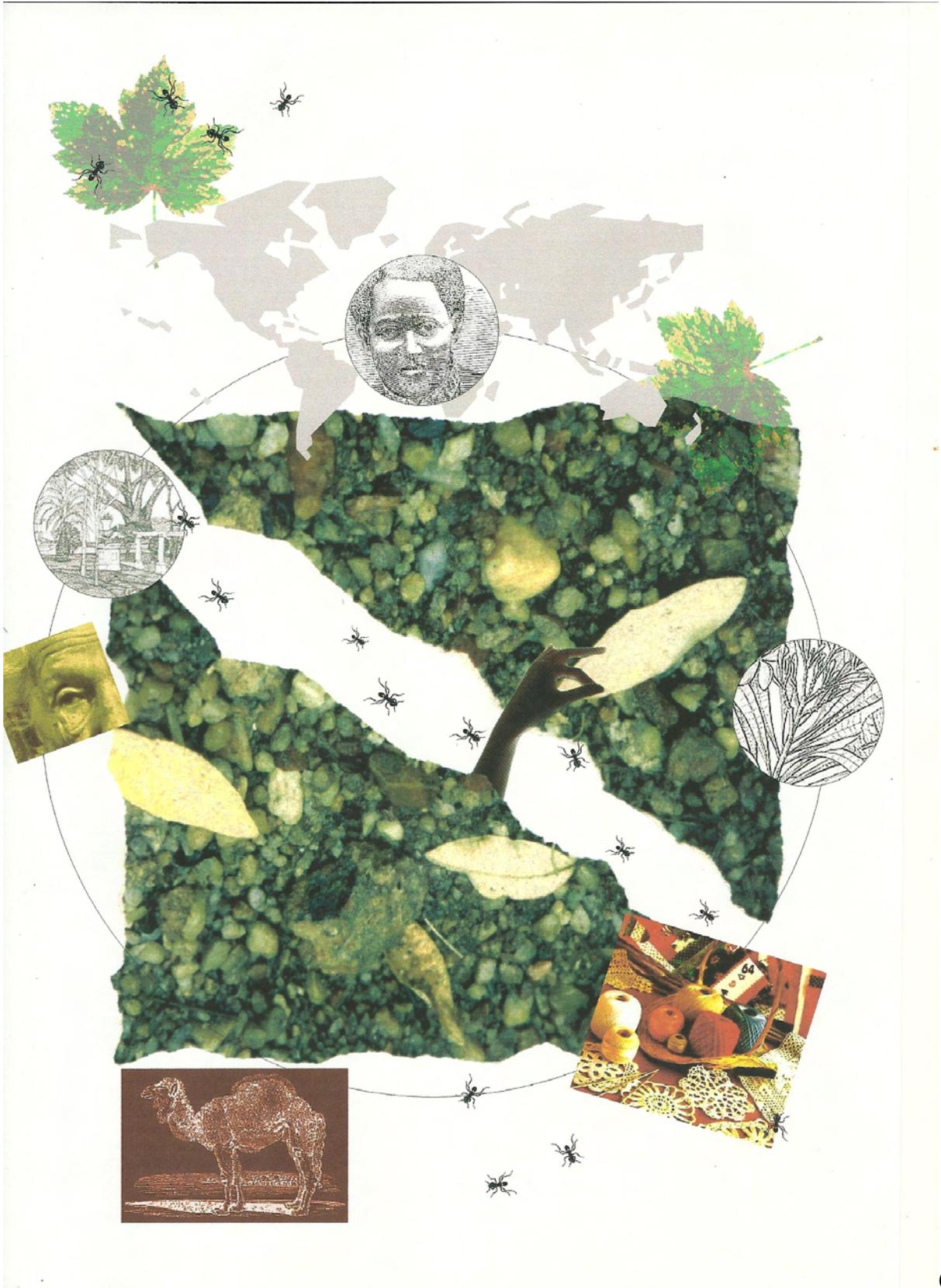
Não te deixes destruir...
 Ajuntando novas pedras
 E construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.
 Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha um poema.
 E viverás no coração dos jovens
 E na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
 Toma a tua parte.
 Vem a estas páginas
 E não entres seu uso
 Aos que têm sede (CORALINA, 1995, p. 139).

Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari... autores diferentes, de tempos, épocas, lógicas e culturas diferentes. Cora Coralina escreve: uma escrita que nasce de um contexto e um olhar diferentes. Gilles Deleuze e Félix Guattari pensam a escrita a partir de um contexto e de olhares diferentes. Que possibilidades emergiram, emergem e emergirão desse encontro? Que velocidade pode emergir desse meio? Tais perguntas permanecem animando muitas travessias...



CONSIDERAÇÕES - FINALIZANDO A VIAGEM

Promover agenciamentos – com enfoque filosófico-literário-poético - entre Gilles Deleuze, Félix Guattari e Cora Coralina e experimentar tais percursos - não preexistentes - foi uma tarefa desafiadora, mas extremamente prazerosa. Proporcionou-me muitos encontros e muitas possibilidades.

Sobre a aproximação com Deleuze e Guattari eu poderia dizer que tal agenciamento inaugurou um imenso encontro-devir. Eles são muitos e sempre vastíssimos. Às vezes diferentes. E sempre difíceis à minha lógica. Mas penso que seus conceitos e mais – seu jeito ‘sóbrio’ de se colocarem diante do pensamento e de conceitos -, inauguraram uma perspectiva inédita. Para falar da densidade desse encontro, tomo emprestado, de Cora, as suas palavras em relação aos versos. Seus conceitos “têm relance de enxada, gume de foice e peso de machado”. Causaram dor, desconforto e desestabilização, mas admito que tais conceitos abriram tantas clareiras e sendas nos percursos meus pensamentos, que deixei o antigo território quase sem perceber e me encontro em busca de outros. Depois de tantas desterritorializações, já não sou mais a mesma.

E nesse ‘deserto’, caminhar ao lado de Cora Coralina foi uma experiência totalmente reterritorializante – até mesmo porque Cora é minha companheira de outras travessias escuras... Embora, de certa forma, eu já me sentisse próxima de Cora Coralina, tenho a consciência de que encontrei uma Cora e uma escrita totalmente inéditas, motivadas pelos conceitos de Deleuze e Guattari. Como disse, uma quase ‘justiça literária’: dar à luz a uma Cora Coralina que já existia, mas que ainda não havia sido parida. Tal encontro foi mais promissor que todos os outros. Encontrei uma Cora multiplicidade! E fico pensando nas palavras do meu orientador: não seria interessante buscarmos outros escritores e poetas para promovermos agenciamentos com Deleuze e Guattari? Tal proposta parece tentadora...

Porque tinha a consciência da importância de deixar-me atravessar pelo método ‘antimétodo’ do rizoma, e estava disposta a permitir-me desocupar um lugar de saber,

para tatear outro, desconhecido, não me deixei levar pelo *a priori* de que uma dissertação é uma tarefa muito pesada. No fundo, pesada ou leve, na visão de Deleuze e Guattari, uma dissertação não passa de um agenciamento entre tantas outros. E tal processo acabou sendo extremamente prazeroso. Rizoma de ramificações infindas.

“Velocidade que se adquire no meio”: foi exatamente o que experimentei promovendo esses agenciamentos e buscando escrever em forma de platôs. Até o último momento de elaboração, os platôs interagiram, mudaram de lugar, mesclaram-se uns aos outros, deram lugar a outros, surgiram repentinamente... e... continuam interagindo, em cada releitura. Escrevi-os simultaneamente, sem me sentir minimamente confusa. Descobri que é possível experimentar outras lógicas com seriedade.

Atravessamos um tempo de muitas crises: política, econômica, étnica, religiosa, social, de gênero e ecológica. No meio de todas, encontra-se uma crise de paradigmas, que denuncia um modelo civilizatório e relacional. A lógica arborescente e genealógica – quase ‘convencional – não tem oferecido respostas que ultrapassem um convencional, no sentido da criação de novos modelos.

A presente dissertação pretendeu ser um ensaio-experiência de se trabalhar com a lógica do *rizoma*, escrevendo em *platôs*. Mais aproximação que chegada. Tenho a consciência de que os *agenciamentos* propostos não são os únicos e são faltantes. Mas quis dar um passo para fora dos territórios historicamente sedimentados, evidenciando *linhas de fuga* e iniciando movimentos de *desterritorialização*. O pensamento tem direito à liberdade! Temos direito de conceder ao pensamento deixar o *território da árvore*, para enxergar outros horizontes, outros percursos e outros territórios, ainda que precisemos reaprender tudo.

Nesse horizonte, pensadores como Deleuze e Guattari, desconstroem os territórios de nossas convencionais certezas e nos convidam a experimentar devires minoritários – sobretudo um devir-infância -, que nos conduzam para outros territórios, a serem construídos, *terras desconhecidas, virgens de Édipo, que o Anti-Édipo tinha apenas visto de longe sem nelas penetrar* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 7)..

A perspectiva que apresentamos é, sobretudo, *dialógica*. Convidamos a muitos para que possam dialogar conosco e ensaiar outras experiências, complementares e menos faltantes, proporcionando, ao pensamento, a possibilidade de transitar entre outras lógicas, mais inclusivas, relacionais e solidárias, menos formais e lineares.

Um devir-infância que nos possibilite renovar o nosso olhar e os nossos pés entre os territórios da vida, em busca de novas terras: essa foi a maior aquisição desse agenciamento entre Deleuze, Guattari e Cora. A eles sou muito grata!

Certamente permanece um ‘desconforto’, herança de uma lógica proeminentemente arbórea: uma sensação de que se concluiu pouco, de que falta um ‘essencial’, como ápice, de que evidências deveriam ter sido mais enfatizadas. Ainda nesse caso, nas palavras de Cora Coralina encontro ‘conforto’:

Tanto papel escrito, tanta coisa inútil.
Se tudo já foi dito, o que ficou para mim?
A palavra nova...
Como será?
Mesmo nova será nascida de um arcaísmo.
Neste livro, o que terá valor?
O que ficou sem escrever (CORALINA, 1995, p. 187).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. de. Cora Coralina, de Goiás. In: CORALINA, C. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 21-22.

CORALINA, C. Aninha e suas pedras (1981). In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 139.

_____. Cântico Excelso. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 41.

_____. Carta de Drummond. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 23.

_____. Criança. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 106-107.

_____. Este livro, meias confissões de Aninha. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 43.

_____. A Gleba me transfigura. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 108-110.

_____. Mestre Silvina. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 123-124.

_____. Meu Amigo: In memoriam. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 187-188.

_____. Meu vintém perdido. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 68-69.

_____. Moinho do Tempo. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 52-56.

_____. Nasci Antes do Tempo. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 57.

_____. Normas de Educação. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 119-122.

_____. O poeta e a poesia. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 191-192.

_____. O quartel da polícia de Goiás. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 185-186.

_____. Recados de Aninha – I. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 152-153.

_____. Semente e Fruto. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. pp. 84-85.

_____. Voltei. In: _____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995. p. 127.

_____. A Flor. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 19-22.

_____. Cora Coralina, quem é você? In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 73-76.

_____. Das Pedras. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. p. 13.

_____. Mãe Didi. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 93-94.

_____. Meu Epitáfio. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. p. 95.

_____. Não conte pra ninguém. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 90-91.

_____. O Chamado das Pedras. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 84-85.

_____. Oferta – aos novos que poetizam. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 97-98.

_____. Rio Vermelho. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1994. pp. 44-46.

_____. Vida das Lavadeiras. In: _____. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global Editora, 1994. p. 59.

_____. Antiguidades. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 53-57.

_____. Becos de Goiás. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 103-106.

_____. Do Beco da Vila Rica. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985. pp. 107-116.

_____. Poema do Milho. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 165-172.

_____. Este Livro. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. p. 37.

_____. Minha Cidade. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 47-49.

_____. Minha Infância (Freudiana). In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993, pp. 176-177.

_____. O Beco da Escola. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 117-120.

_____. Oração do milho. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 163-164.

_____. Ode às Muletas. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 193-197.

_____. O Palácio dos Arcos. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 129-132.

_____. Oração do Pequeno Delinqüente. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1993. pp. 233-234.

_____. Rio Vermelho. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985. pp. 91-94.

_____. Todas as Vidas. In: _____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora. pp. 45-46.

_____. *Aquela Gente Antiga I*. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*. São Paulo: Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'). p. 144.

_____. *Mestra Silvina*. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*. São Paulo: Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'). pp.117-118.

_____. *Normas de Educação*. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*. São Paulo, Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'). pp. 151-157.

_____. *Ontem*. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*. São Paulo, Global Editora, 2004, (Coleção 'Melhores Poemas'). pp. 161-162.

_____. *Casa Velha da Ponte*. In: _____, *Estórias da Casa Velha da Ponte*. 7. ed. São Paulo: Global Editora. p. 11.

DELEUZE, G. *L' Abécédáire de Gilles Deleuze*. L - Littérature. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

_____. *G. L' Abécédáire de Gilles Deleuze*. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

DELEUZE, G. *A Literatura e a Vida*. In: _____. *Crítica e Clínica*. Trad. P. PÁL PELBART. 1a Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2004. 176 p. (Coleção Trans).

_____. *Entrevista sobre Mille Plateaux*. In: _____. *Conversações*, 1972-1990. 4a. Reimpressão. São Paulo: Editora 34. 2004, 232 p (Coleção Trans).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Introdução: Rizoma*. In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. 3a. Reimp. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2004. 96 p. (Coleção Trans).

_____. *1914 – Um só ou vários lobos?* In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. 3a. Reimpressão. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2004. 96 p. (Coleção Trans).

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UNB, 2001. 316 p.

KOHAN, W. O. *A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança*. In: _____. (Org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, pp. 51-68.

NEGRI, T.; GUATTARI, F.; Las verdades nômadadas: Por nuevos espacios de libertad. Donostia: Tercera Prensa-Hirugarren Prentsa S.L., 1996. 214 p. (Gak@a Liburuak 28).

OSHO. Uma Parábola sobre a Ambição e a Pressa. In: _____. *O Livro da Transformação: Histórias e parábolas das grandes tradições espirituais para iluminar sua vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 95 p.

TAHAN, A. M. Aventureira e Libertária. *Jornal do Brasil*, 12 de janeiro de 2002, Caderno Ideias, p.2.

ZOHAR, D. *O Ser Quântico: Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física*. São Paulo: Editora Best Seller, 1990. 305 p.

ZOURABICHVILI, F. *O Vocabulário de Deleuze*. Trad. A. TELLES. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. 124 p.

ZOURABICHVILI, F. Deleuze e a questão da literalidade. In: *Educação & Sociedade*, v.26, 2005, no prelo.